

FH quer ONU voltada para pobres

■ No último dia de viagem à Índia, o presidente falou de globalização e disse que não se pode transformar o mercado em ideologia

Nova Déli — AFP

DORA KRAMER
Enviada especial

NOVA DÉLI — A reformulação da Organização das Nações Unidas para fazer frente aos tempos de economia globalizada e conduzir as relações entre os países, levando em conta o crescimento econômico, o combate à pobreza e a manutenção da paz, será defendida em conjunto pelo Brasil e pela Índia na próxima reunião do Grupo dos 15 (G-15), integrado pelos países em desenvolvimento.

A decisão foi resultado de uma conversa ontem entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o primeiro-ministro da Índia, Narasimha Rao. Ao fazer um balanço de sua visita de quatro dias a Nova Déli e Bombaim, Fernando Henrique também falou sobre a reforma da ONU, afirmando que ela “é muito mais profunda” do que a pretendida inclusão dos dois países como membros-permanentes do Conselho de Segurança.

Segundo Fernando Henrique, as instituições ligadas à ONU há muito vêm perdendo vitalidade, além de se distanciarem dos princípios que nortearam sua criação logo após a Segunda Guerra. No início do ano passado, em viagem ao Chile, o presidente apontou o despreparo do Fundo Monetário Internacional (FMI) em lidar com a economia moderna, na qual os capitais voláteis não respondem a nenhum Banco Central. Entram e saem dos países sem controle. O resultado são crises como a que abalou a economia mexicana em 95.

Ontem, Fernando Henrique e Narasimha Rao voltaram a tratar do assunto na condição de mandatários de nações com muitas semelhanças — dimensão continental e liderança regional, por exemplo — interessadas em garantir espaço nos organismos internacionais aos países em desenvolvimento. “A nova ordem mundial tem de trabalhar a nosso favor”, disse.

Antes de embarcar de volta ao Brasil, via Palermo, na Sicília, Fernando Henrique começou o dia com uma palestra para empresários indianos. Em seguida, encontrou-se com o primeiro-ministro e assinou a declaração política conjunta e uma série de atos de cooperação técnica. O presidente teve também uma conversa reservada com os 16 empresários brasileiros que o acompanharam.

FMI — O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a criticar o FMI quando, diante de um plateia de empresários indianos da indústria e do comércio, disse que o Fundo Monetário Internacional não foi capaz de apontar para os países em desenvolvimento caminhos não recessivos, em direção ao crescimento econômico.

O presidente foi eloquente ao afirmar a necessidade de o Brasil fugir da recessão porque, segundo ele, esse processo traz mais pobreza — “ele resulta em miséria”. Num discurso interpretado pelos empresários locais como muito mais direcionado ao Brasil do que à Índia, impôs a si mesmo a tarefa de não deixar que o país saia do caminho de desenvolvimento. “Temos de crescer”, disse, reafirmando que a taxa

brasileira de crescimento este ano deve ficar em torno de 5%

Para a inflação, previu índices ao redor de 15%. Fernando Henrique defendeu a globalização da economia, mas alertou que no Brasil isso foi conseguido junto com o estabelecimento de um plano de estabilização macro-econômica. Segundo ele, as reformas internas de cada um dos países em desenvolvimento são fundamentais para que eles tenham condições de abrir suas economias.

Explicou aos indianos como era o processo inflacionário no Brasil onde, segundo ele, foi muito difícil explicar às pessoas que o fim da indexação não seria prejudicial. “Estão sempre me perguntando sobre o aumento do salário mínimo.” Para tornar mais fácil o entendimento, disse que a combinação de inflação alta com indexação da economia resultava em uma espécie de “ópio” que deixava a população anestesiada quanto a seus efeitos.

A impressão dos empresários é de que ainda não é possível pensar no estabelecimento imediato de negócios com a Índia, principalmente porque se trata de um país onde a economia ainda tem uma presença muito forte do Estado. Tanto que Fernando Henrique e o primeiro-ministro chegaram à conclusão de que não havia como partir para programas conjuntos de imediato. Foi dado um prazo de três meses para que os dois países escolham um ou dois programas para servirem de ponta-de-lança nas relações de comércio bilateral.

Ética — O último compromisso de Fernando Henrique em Nova Déli foi uma palestra para um grupo de acadêmicos do Centro Internacional de Estudos, a respeito da globalização da economia e seus efeitos positivos e negativos. O presidente lançou a idéia de uma “ética de solidariedade” entre os países em desenvolvimento, que seja capaz de substituir as “utopias do passado”.

Apontou, entre os efeitos negativos da globalização, a exclusão dos países pobres que ainda não têm condições de participar do processo e também a marginalização de algumas nações entre a própria comunidade desenvolvida. Entretanto, a seu ver, a globalização “multiplicou riquezas”.

O que não se pode, de acordo com Fernando Henrique, é transformar o mercado em ideologia e imaginar que, por si só, tudo o que venha dele seja necessariamente bom, sem a necessidade de interferência do Estado para regular a competição.

O presidente fez uma série de propostas para balizar o comportamento dos países em desenvolvimento: primeiro deve ser estabelecido um consenso sobre as linhas de atuação: elas devem ser factíveis, nunca ingênuas ou irrealistas; devem ter capacidade de mobilizar as sociedades. Sobre tudo, esses países devem buscar uma ética que os situe acima “da mística do mercado e do jogo do poder”.

Fernando Henrique embarcou na Base Aérea de Nova Déli às 17h (9h30 em Brasília) em direção à Itália. Sua chegada ao Brasil está prevista para hoje às 21h, hora de Brasília.